

INTERCÂMBIO Especialista palestrou sobre adaptação no Exterior

Aprender com o diferente

Brasil é etnocêntrico, por isso, lidar com outras culturas é mais difícil, na visão da especialista

KELLY ISIS PELISSER

Caxias do Sul – Estudar ou trabalhar no Exterior é o sonho de muitos jovens. Mas a adaptação a cultura, idioma e comidas diferentes não é tarefa fácil. Nesta semana, a psicóloga culturalista Andrea Sebben esteve em Caxias para palestras em

universidades e colégios sobre como se preparar para um intercâmbio.

Desde 1996, ela mantém um escritório em Porto Alegre que fornece treinamentos a jovens estudantes, executivos expatriados e jogadores de futebol que passarão uma temporada fora do Brasil.

– Ao final do treinamento, as pessoas estão mais sensibilizadas às mudanças em si mesmas. Um intercâmbio não é mudança nem de casa nem de família, mas é mudança de si mesmo – explica.

A idéia de estudar o tema surgiu

da própria experiência de Andrea que, em 1990, foi para a Espanha participar de um programa trabalhando como babá. A saudade e a adaptação difícil se tornaram objeto de estudo no curso de Psicologia, concluído parte em Madri, capital espanhola, parte na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre. A psicóloga, que também morou na Itália e na Bélgica, é autora de três livros sobre intercâmbio e adaptação no Exterior.

kelly.pelisser@jornalpioneiro.com.br

ENTREVISTA Psicóloga culturalista Andrea Sebben

‘A gente nunca está preparado’

Pioneiro: Um intercambista pode estar preparado na questão do idioma, mas não estar preparado em outros aspectos?

Andrea: A gente nunca está preparado para fazer intercâmbio. É uma experiência muito forte e muito grandiosa para tu te sentires, de fato, preparado. O que a gente precisa é disposição dessas pessoas a entram no processo.

Pioneiro: E como ajudar alguém a se preparar?

Andrea: Isso é o diferencial que algumas agências de turismo oferecem, essa preparação humana. De sensibilizar o sujeito para aquilo que virá pela frente, baseado na verdade, nos ganhos e nas perdas. Esse compromisso com a verdade entre cliente e agência é um entendimento de luxo hoje no mercado. Às vezes, no afã de vender, as agências inflacionam os aspectos positivos.

Pioneiro: Os intercambistas, especialmente os que viajam pela primeira vez, também glamourizam a viagem?

Andrea: O intercâmbio frequentemente é confundido com turismo. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. No turismo, tu sabes o que vai encontrar, tudo é muito controlado. As relações de *host and guest* (*hospedeiro e hóspede*) são de compra e venda. No intercâmbio, embora haja dinheiro envolvido, não há garantias, porque você está lidando com relações humanas.

Pioneiro: O primeiro mês é sempre o mais difícil?

Andrea: Depende do país e da personalidade migratória. Sabemos que há personalidades mais propensas a



RICARDO WOLFFBÜTTEL

migrações e outros que sofrem mais. E depende também do tempo. Num intercâmbio de seis meses a um ano, os primeiros 45 dias são os mais críticos por uma série de fatores.

Pioneiro: Como, por exemplo?

Andrea: Os hormônios reguladores do humor ficam alterados 30 dias antes do embarque e 30 dias depois.

Por causa disso, muitas meninas param de menstruar. Cerca de 65% das meninas e 40% dos meninos engordam. Uma coisa correlata é o idioma. Quanto melhor o idioma, mais rápida a adaptação. O idioma não

é só capacidade de comunicar, mas também é auto-estima.

Pioneiro: Como saber se é a hora certa de fazer intercâmbio?

Andrea: A hora certa é quando o sujeito diz: “eu quero ir”. Essa é uma experiência individual. É tu quem sabe a tua dor, a tua coragem e a tua motivação. Não é decisão nem do pai nem da mãe, é do filho.

Pioneiro: Os pais precisam de preparação?

Andrea: A decisão do intercâmbio é solitária. Aos 15 anos, a filha diz: “pai, eu quero ir de intercâmbio”. Metade do pai quer que ela vá, outra metade não. Esse sentimento se chama ambivalência. O pai ou um noivo não é o melhor conselheiro. Quando tu quer ir, é tu no espelho contigo mesmo. Os pais precisam não se preparar, mas de um suporte afetivo para diminuir esse conflito.

Pioneiro: Às vezes, alguns intercambistas se relacionam somente com outros intercambistas, brasileiros convivem somente com brasileiros no Exterior. O quanto isso pode ser negativo?

Andrea: Existem comportamentos no encontro cultural. O primeiro deles, o mais primitivo, chama-se etnocentrismo. É eu me fechar no meu grupo, achar que a minha cultura é a regra e a dos demais é errada. É o brasileiro que vai para o Exterior e diz: “que gente esquisita!” Mas será que o mundo todo é esquisito e só nós que somos os bacanas? Temos um bloco de etnocêntricos no mundo, que é China, Índia, Brasil, Rússia e Estados Unidos. Você se colocando nessa situação de superioridade, sua tendência é excluir o grupo nativo. Dos comportamentos, o último da fila, é o interculturalismo. Essa é a capacidade de criar pontes, sair do seu gueto.

Pioneiro: Como lidar com a saudade? Deve-se ligar para os pais todos os dias?

Andrea: Nunca. A tua capacidade de adaptação é proporcional ao teu desligamento daqui. Um dos ingredientes da migração saudável é a capacidade de pertença aos grupos. Como um intercambista que leva laptop e fica cinco horas no MSN, vai se vincular lá? Os pais acham que dão suporte, mas é o contrário.

NA WEB

O site da psicóloga Andrea Sebben é bacana para quem busca saber mais sobre intercâmbio. No endereço www.andreasebben.com.br é possível fazer um teste para saber se você está preparado para viajar.



PORTHUS JUNIOR

Do Brasil para os Estados Unidos

Quando chegou aos Estados Unidos para fazer o último semestre do *high school* (o equivalente ao ensino médio no Brasil), Guilherme Debiassi Lazzeri, 18 anos, não dominava o inglês. Mesmo tendo estudado o idioma por quatro anos e feito um intensivo no último mês antes da viagem, o estudante não conseguia compreender as aulas.

Aos poucos, ele foi se adaptando à nova vida na pequena cidade de Decatur, no estado de Michigan, e aos novos “pais”, um aposentado de guerra e uma professora, e até ganhou um “irmão”, um garoto equatoriano que também fazia intercâmbio.

– Um amigo me disse: “tu sabes que fala inglês quando tu sonhar em inglês”. Isso aconteceu no quarto mês – conta.

O pior obstáculo foi a saudade. Pela primeira vez, passou o aniversário dele, o da mãe e do irmão longe de casa. Guilherme fez duas formaturas, uma com a turma do Cetec antes de partir, e outra com a classe norte-americana. O intercâmbio guiou os passos para o futuro. Guilherme estuda Comércio Internacional na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e é estagiário do setor de exportação da Suspensys.



JUAN BARBOSA

Do México para o Brasil

O estudante mexicano Guillermo Eduardo Gamper Galván, 21 anos, não fazia idéia do que era chimarrão quando lhe ofereceram a bebida. Caxienses explicaram:

– É um chá com erva.

– Não, obrigado. Eu não fumo – respondeu meio sem jeito, acreditando que erva seria maconha.

Hoje, o jovem que faz intercâmbio em Caxias desde janeiro tem sua própria cuia para tomar chimarrão aos domingos. Guillermo não falava português, mas decidiu-se pelo Brasil por influência

do pai, Raul, diretor de compras de uma multinacional que negocia com empresas da Serra.

No México, o morador de León, em Guanajuato, cursava Comunicação Social. As disciplinas que ele faz atualmente na UCS não lhe servirão para o currículo acadêmico, já que a universidade mexicana não tem convênio com a caxiense. Guillermo, que divide apartamento com duas brasileiras e já havia feito intercâmbio no Canadá, acredita que a experiência pesará no currículo da vida.